

# DPOLITIK

Edição 1 (maio/junho), ano I

## a pandemia (inter)nacional



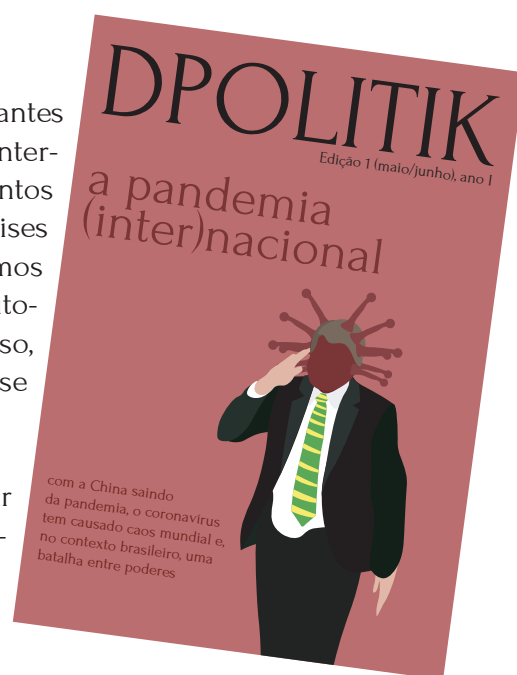
com a China saindo da pandemia, o coronavírus tem causado caos mundial e, no contexto brasileiro, uma batalha entre poderes



# prefácio

DPolitik é uma revista feita por internacionalistas para estudantes de Relações Internacionais, assim como para futuros estudantes, internacionalistas ou qualquer pessoa que tenha interesse nos assuntos que envolvem as relações internacionais e quer ter acesso a análises do cenário internacional, mas também do nacional. Nós procuramos trazer os temas mais pertinentes do momento, deixando nossos leitores bem informados, mas também de uma maneira divertida! Por isso, usamos muitos gráficos, imagens e damos dicas para que você se divirta enquanto usa conceitos internacionalistas!

Neste tempo de pandemia global, esperamos que você possa estar em segurança e que esta revista possa ser mais um meio de informação para você. Sairemos desta situação em breve!



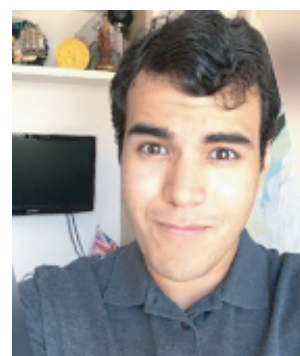
E aqui estamos nós, os internacionalistas responsáveis por esta edição do DPolitik!



Bianca Mendes



Barnabé Lucas



Caio Ponce de Leon

Esperamos que você tenha uma ótima leitura desta primeira edição do DPolitik e que as informações e análises trazidas aqui possam ser úteis para você!

Para mais informações acesse [dpolitik.com.br](http://dpolitik.com.br) !  
Você também pode nos seguir nas redes sociais:  
Instagram: [@dpolitik.br](https://www.instagram.com/dpolitik.br)  
Twitter: [@dpolitik\\_br](https://twitter.com/dpolitik_br)  
Facebook: DPolitik  
ou escreva-nos um email pelo endereço:  
[contato@dpolitik.com.br](mailto:contato@dpolitik.com.br) !





além do  
mainstream

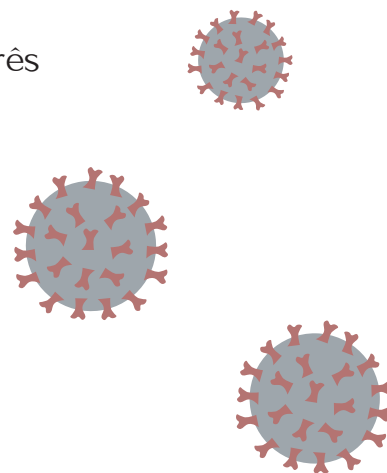
## Pandemia e violência estrutural no Brasil

leia a análise da Dr<sup>a</sup> em Ciência  
Política, Luciana Aliaga, na página 8

# índice

Veja abaixo os assuntos e onde encontrá-los nesta edição do DPolitik!

- 6 **além do mainstream**  
“Pandemia e violência estrutural no Brasil” - artigo da  
Dr<sup>a</sup>. em Ciência Política Luciana Aliaga
- 8 **seção da capa**  
análise da pandemia do novo coronavírus em três  
partes:
  - 10 o coronavírus na China
  - 12 o coronavírus no mundo
  - 14 o coronavírus no Brasil
  - 16 análise crítica da pandemia no mundo
  - 18 análise crítica da pandemia no Brasil
- 20 **outdoorRI**  
divulgação de artigos científicos de RI
- 21 **bizarRI**  
situações bizarras no mundo durante a pandemia do  
novo coronavírus
- 22 **nem só de texto se vive**  
indicações de filmes, séries e jogos que envolvem temá-  
ticas das RI



# Pandemia e violência estrutural no Brasil

A dr<sup>a</sup>. Luciana Aliaga, docente do Departamento de Ciências Sociais, do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais e secretária da International Gramsci Society-Brasil, apresenta uma visão sobre os efeitos da pandemia do novo coronavírus na sociedade brasileira.

É possível encontrar no senso comum, até naquele mais ilustrado, a ideia de que a pandemia de COVID-19 seria “democrática” pois infectaria igualmente brancos e pretos, ricos e pobres. Na verdade, se consultarmos os dados disponíveis sobre casos confirmados no Brasil, poderíamos, num primeiro momento, dizer que sim, o vírus não escolhe raça ou classe social. Tomando por base o município de São Paulo, que até o presente momento tem o maior número de infectados (em números absolutos), até o dia 17 de abril de

2020, o bairro com maior número de casos confirmados era o Morumbi – que tem um dos melhores Índi-

“ A pandemia que nos atinge neste momento, contudo, torna mais clara e evidente não apenas as profundas desigualdades estruturais no Brasil, mas também (...) a violência estrutural

ces de Desenvolvimento Humano da cidade e conta com 297 casos confirmados<sup>1</sup>. No entanto, um olhar mais detido indica que existe uma diferença significativa entre o número de casos confirmados e o número de óbitos por bairro. Sob esta perspectiva as diferenças sociais se tornam mais significativas, pois, apesar do menor número de casos confirmados (89 casos) em Brasilândia, bairro com um dos menores IDHs<sup>2</sup> do município de São Paulo, o número de mortes é muito maior. Enquanto no Morumbi ocorreram 7 mortes, Brasilândia conta com 54 óbitos, o maior em toda a cidade de São Paulo, apesar de ter um número muito menor de casos confirmados. Além disto, se tomarmos como critério a raça, percebemos que a mesma relação se mantém entre brancos e pardos/negros. Levantamentos do Ministério da Saúde mostraram que há uma tendência de queda no número de óbitos em relação ao número de internações de pessoas brancas e uma tendência de elevação de óbitos em relação ao número internações de pessoas pardas e negras<sup>3</sup>.

Estes dados não deixam dúvidas sobre o fato de que as enormes desigualdades socioeconômicas no Brasil se refletem no número de óbitos por COVID-19 na medida em que a cor da pele e a classe social impactam diretamente nas condições de cuidados de saúde, distanciamento social e leitos para atendimento dos infectados no Brasil.

Obviamente as desigualdades sociais e a precariedade das condições sanitárias para parcela relevante da população brasileira não são problemas que surgem com a pandemia, eles existem desde a Colônia e nunca foram resolvidos (quicá porque também nunca superamos nossa colonialidade). A pandemia que nos atinge neste momento, contudo, torna mais clara e evidente não apenas as profundas desigualdades estruturais no Brasil, mas também – e principalmente

– a violência estrutural, aquela que não é desferida pelo golpe do cassetete, do gás de pimenta ou da bala, seja de borracha ou de revólver, mas a violência das instituições de Estado que histórica-

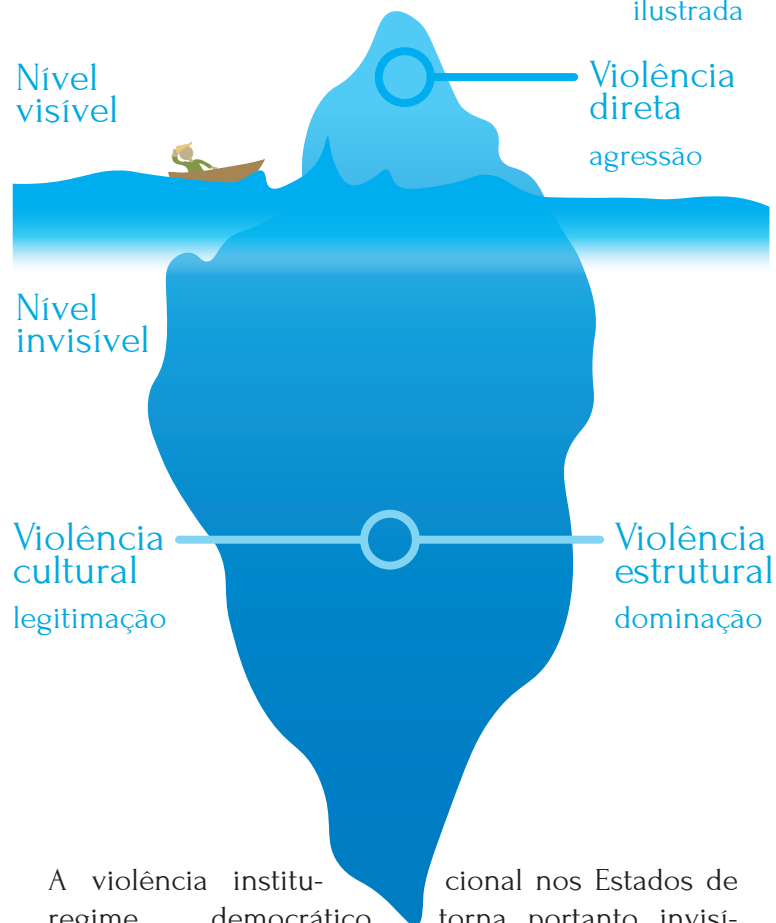
mente negligenciaram – e em plena pandemia continuam negligenciando – sua responsabilidade no provimento de moradia, saneamento básico, alimentação, trabalho, tratamento de saúde e educação para o conjunto da população.

Como acertadamente chama atenção Luís Felipe Miguel<sup>4</sup>, a bibliografia contemporânea da teoria política, ao tratar da democracia, de modo reiterado tem enfatizado o consenso, mas lamentavelmente descarta da força (ou, pode-se dizer, da violência), esquecendo-se das essenciais lições do mestre Maquiavel, “o fundamento de todos os Estados são as boas leis e as boas armas”. Muito provavelmente isto ocorre porque a violência normatizada nas instituições não aparece como tal e sim como norma, ordenamento social, jurídico-político, policial ou militar, e, portanto, aceitável como regra acordada.

<sup>1</sup> Em 2016 o IDH do Morumbi era 0,938, um dos mais altos, o mais baixo era de Marsilac com 0,701 (<https://bit.ly/RefAdM1>). O mapa atualizado da pandemia na cidade de São Paulo está disponível no site da prefeitura: <https://bit.ly/MapaCovidSP>; <sup>2</sup> IDH 0,769 (<https://bit.ly/RefAdM2>); <sup>3</sup> Índice de hospitalização de pessoas brancas: 65,1%; índice de mortalidade – 56,6%. Índice de internação de pessoas pardas e negras: 27,3%; índice de mortalidade: 40,4%. Conferir <https://bit.ly/RefAdM3>;

# A violência na sociedade a partir de Johan Galtung

Galtung aponta que há diferentes níveis de violência, sendo a direta a única visível. O autor as divide em um triângulo no qual elas se relacionam. Abaixo você vê esta representação de maneira ilustrada



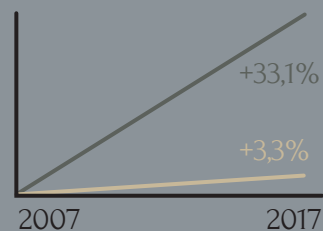
A violência institucional nos Estados de regime democrático torna, portanto, invisíveis as formas coercitivas, veladas por trás da formalidade dos contratos de trabalho – cada vez mais precarizados pela terceirização, pelo trabalho intermitente e pelas demais formas de superexploração e rebaixamento salarial no campo e na cidade. A violência estrutural se perpetua na medida em que o Estado brasileiro libera trilhões de reais para salvaguarda do lucro de grandes corporações financeiras, mas considera extremamente complexa a liberação de R\$ 600,00 para o auxílio precário da sobrevivência de milhões de brasileiros em situação de pobreza. A violência estrutural se efetiva na promessa de liberação de recursos que são exíguos, mas que exigem longas filas para o recebimento, que causam aglomeração e põem a saúde em risco, e que mesmo assim, para alguns nunca chegarão. A pandemia, portanto, agrava e aprofunda nossos déficits: sociais, políticos e humanos, tornando evidente a extrema violência de nosso Estado e a precariedade da nossa democracia.

## Dados da sociedade brasileira

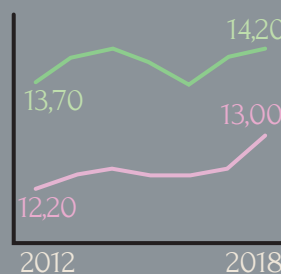
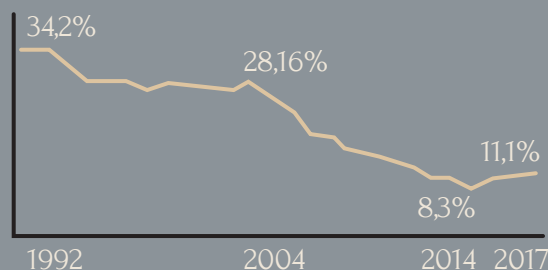


Segundo o IPEA, em 2017, **75,5%** das vítimas de homicídio no Brasil eram negras. O número representa um aumento de **33,1%** em comparação aos dados de 2007 (10 anos antes).

Crescimento dos homicídios de pessoas negras em comparação às não-negras em uma década de análise.



Por outro lado, os dados da Fundação Getúlio Vargas e IBGE, a pobreza no país tem caído consideravelmente ao longo das décadas. Mesmo tendo chegado a menos de 10% da população em 2014, a porcentagem da população considerada pobre no Brasil voltou a crescer e chegou à marca de 11,1% da população. ↓

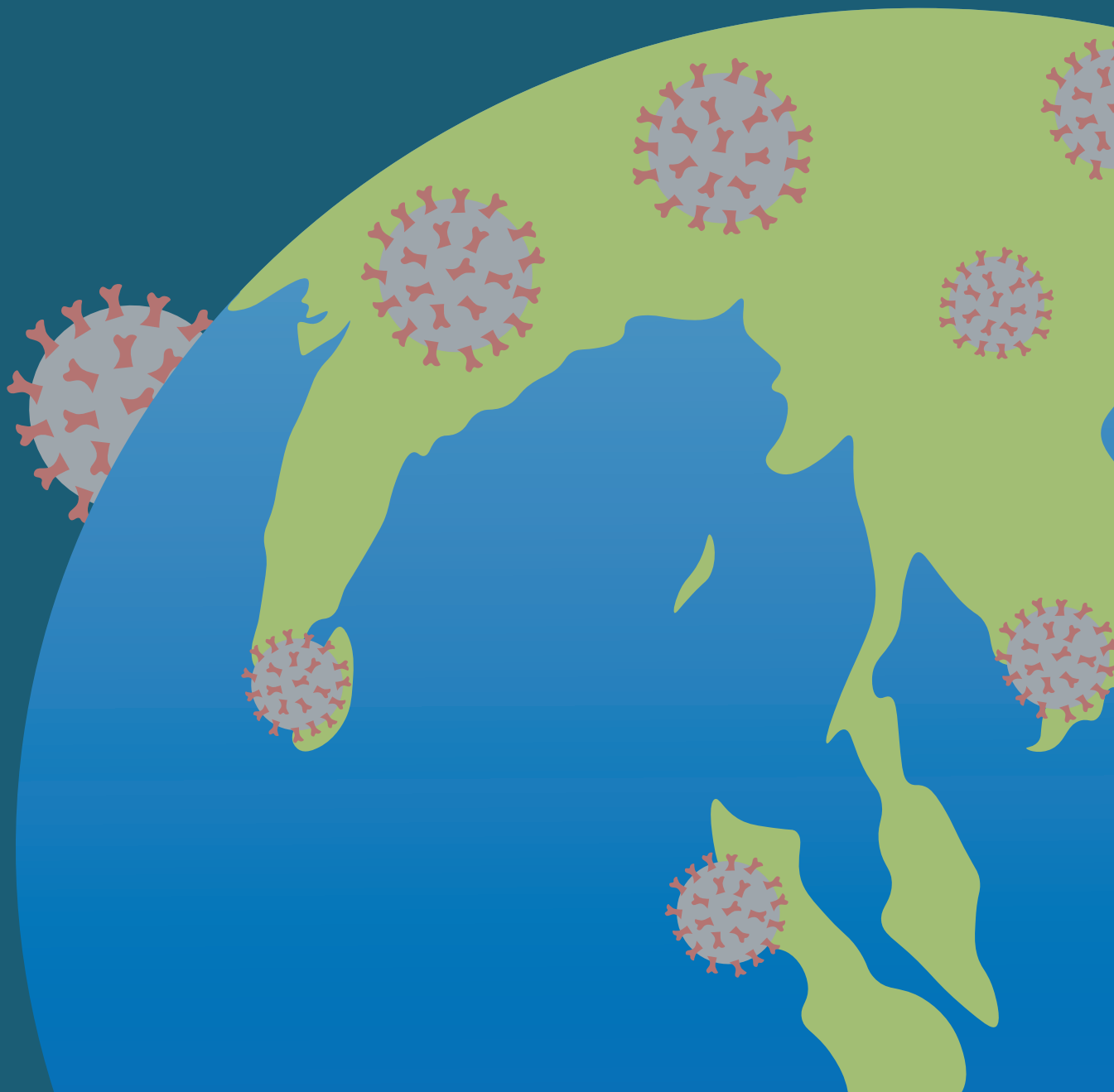


Valor de hora trabalhada em R\$ / IBGE.

← A desigualdade salarial entre **homens** e **mulheres** também teve uma melhora, mas ainda é alta. Segundo o IBGE, as mulheres ainda ganhavam 20,5% a menos que os homens em 2018.

<sup>4</sup> Ver, entre outros, MIGUEL, Luis Felipe. "Violência e política". Rev. bras. Ciências Sociais [online]. 2015, vol. 30, n. 88. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092015000200029&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092015000200029&lng=en&nrm=iso)>.

# A pandemia mundial



o novo coronavírus que surgiu no final de 2019 na China, começou a se espalhar para fora do país no começo de 2020 criando uma pandemia global que atacou não só a vida das pessoas, como também o sistema internacional como um todo.

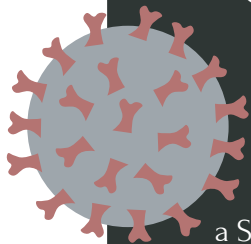
acompanhe nas próximas páginas o desenvolvimento da pandemia e a análise de seus efeitos



# O coronavírus na China

No dia 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde foi notificada sobre casos de pneumonia de origem desconhecida na cidade de Wuhan, na província de Hubei na China. Os pacientes tinham alguma ligação com um mercado local de frutos do mar, levantando suspeitas de que a transmissão viesse de animais, o que levou ao fechamento do mercado. Já em 5 de janeiro de 2020, com 60 casos confirmados, 7 em estado crítico, inicia-se na China investigações para saber o que estava causando a doença, culminando na descoberta de que os casos de pneumonia eram oriundos de um novo vírus. Assim, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmam um novo coronavírus, que inicialmente foi chamado de 2019-nCov. A sequência do seu genoma é divulgada no dia 9 do mesmo mês.

Nos dias seguintes foram relatadas as primeiras mortes, sendo a primeira em 11 de janeiro, um homem de 69 anos, e a segunda em 17 de janeiro, um homem de 69 anos, ambos em Wuhan. Especialistas chineses confirmam a transmissão de humano para humano, e em um curto período, observa-se um salto no número de casos: de 300 pessoas no dia 20 para mais de 500 no dia 21, com infectados fora da província de Hubei, onde o surto começou. Com o abrupto aumento no número de casos, a China adota medidas de restrição de viagens, e inicia em 24 de janeiro a construção de um hospital temporário com 1.000 novos leitos para tratamento de pessoas infectadas com o novo coronavírus. Nesse cenário, a OMS apenas considera como alta a periculosidade do novo vírus no dia 26 de janeiro, e em 30 de janeiro declara que o surto é um caso de emergência de saúde pública mundial.

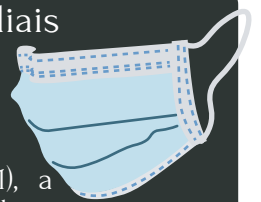


## O que é coronavírus?

Os coronavírus pertencem a uma família de vírus que podem infectar tanto animais, como camelos, gatos e morcegos, quanto seres humanos. Eles causam desde doenças respiratórias comuns até a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS). O novo coronavírus foi batizado de Sars-CoV-2, e a doença respiratória que causa é a Covid-19. Seria tipo um primo no vírus que causa a SARS

## Epidemias mundiais

Antes do surto do coronavírus, outros surtos de saúde já ocorreram no mundo. Na lista, temos: como a peste negra (1333-1351), a cólera (1817-1824), a tuberculose (1850-1950), a varíola (1896-1980), a gripe espanhola (1918-1919), o tifo (1918-1922), a febre amarela (1960-1962), sarampo (até 1963), a malária (até 1980), a AIDS (desde 1981).



30/12/2019

Li Wenliang divulga, em grupo privado de médicos, suspeitas de um novo vírus

31/12

OMS é alertada sobre casos de pneumonia em Wuhan entre 12 e 29 de dezembro. Investigações começam e pessoas entram em quarentena

01/01/2020

Mercado de frutos do mar de Wuhan é fechado por autoridades de saúde chinesas por se descobrir que as primeiras infecções tinham relação com o mercado

03/01

passageiros de voos chegando em Wuhan começam a ter sua temperatura checada

05/01

É descoberto que a pneumonia não é causada pelo vírus da SARS nem da MERS

# Como o vírus afetou a China



casos oficiais em toda a China

82.929 (4.633 mortes)

68.803 casos só em Hubei (82,9% do total)

3.212 mortes (69,3% do total)

## Dados da província

Hubei é a 7ª província mais rica da China. Com um PIB de mais de US\$ 540 bi (2017) - o que a mantém 5 posições à frente da capital, Pequim. A região de 58,5 mi de habitantes é o maior ponto de transportes na China central. Rica em recursos naturais, Hubei dispõe não somente de fortes infraestruturas de comunicação, como apresenta bases industriais importantes e fortes institutos científicos e educacionais.

A província ainda é uma das bases energéticas do país. Devido aos vastos recursos hídricos, Hubei garante uma enorme produção de energia, tendo em seu território a maior hidrelétrica do mundo (produzindo, sozinha, 60% mais energia que Itaipu).

Tendo como pilares econômicos a produção automobilística, petroquímica, alimentícia, têxtil, de manufaturas, de aço e ferro e de informação eletrônica, a região teve, em 2019, um crescimento de 7,8% - 1,7% a mais que a média nacional. A exportação tem um forte papel em sua economia. No ano passado, foram US\$ 35,3 bi em exportações o que representou um aumento de 13,7% em relação a 2018.

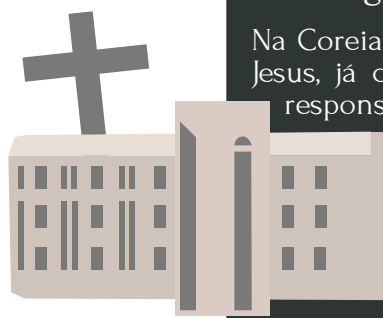
Com representação de mais de 300 empresas internacionais - como Microsoft, a companhia alemã SAP e da Groupe PSA francesa -, o confinamento obrigatório e fechamento da província para o mundo representou um brusco freio de uma das regiões mais importantes economicamente para a China.



# O coronavírus pelo mundo

Enquanto a China continental lutava contra a epidemia do novo coronavírus em seu território, o vírus começou a se espalhar além de suas fronteiras. Ainda no começo de janeiro de 2020, o primeiro caso fora do país foi confirmado em um vizinho: a Tailândia. O caso foi de uma mulher que veio de Wuhan - o epicentro da doença. Em apenas alguns dias depois, novos casos apareciam ao redor do globo: EUA, França, Austrália... No começo de fevereiro, ele já

havia chegado a todos os continentes e as mortes pela COVID-19 começaram a ocorrer fora da Ásia. Na Europa, a doença começou de maneira lenta, mas logo avançaria mudando o dia a dia no continente e no mundo.



## Igreja disseminadora

Na Coreia do Sul, a Igreja Shincheonji de Jesus, já conhecida por polêmicas, foi a responsável, em fevereiro, por mais da metade das infecções no país. A "paciente 31", uma mulher de 61 anos, já infectada, entrou em contato com cerca de mil pessoas, espalhando o vírus. A prefeitura de Seoul, capital sul-coreana, vai processar a igreja e seu fundador, Lee Man-hee, em mais de 200 milhões de wons (mais de R\$ 800 mil).



## Carnaval encurtado

Em Veneza, na Itália, o carnaval terminou mais cedo por causa do coronavírus. Com casos confirmados no norte do já em janeiro, a realização das festividades carnavalescas foi criticada posteriormente. Ter encerrado a festa mais cedo não impediu que a Itália se tornasse o epicentro da COVID-19 na Europa. O país entrou em confinamento total em 10 de março e contava, no fim de abril, com mais de 172 mil casos e mais de 20 mil mortes.

## Defense Production Act

## Controle da produção nos EUA

Em 20 de março, o presidente americano Donald Trump declarou que usaria os poderes do chamado "Ato de Produção de Defesa" de 1950 para obrigar empresas americanas a produzir equipamentos "essenciais à defesa nacional". Ventiladores e equipamentos de proteção receberam esta denominação já em fevereiro. Depois de negociar com a General Motors (GM) e eles se mostrarem "inaptos" a produzir em larga escala os ventiladores, Trump usou o Ato para obrigar a empresa a produzi-los. Outras empresas foram obrigadas a produzir máscaras sob autoridade do mesmo Ato.

## Queda chinesa

Já no começo de março, o saldo da pandemia se mostrava pesado para a China. Houve uma queda de 17,2% das exportações do maior exportador do mundo em janeiro e fevereiro. Em abril, mais um saldo negativo: pela primeira vez em quase 30 anos a economia chinesa contraiu. O tombo de 6,8% no PIB chinês nos três primeiros meses de 2020 foi recebido com choque pelo mundo.

13/01

Primeiro caso fora da China (Tailândia)

13-20/01

Primeiros caso nos EUA, Nepal, França, Austrália, Malásia, Singapura e Coreia do Sul

início de fevereiro

Primeiros casos na Índia, Filipinas, Rússia, Espanha, Suécia, Reino Unido, Canadá, Alemanha, Japão e Emirados Árabes - primeira morte fora da China (Filipinas)

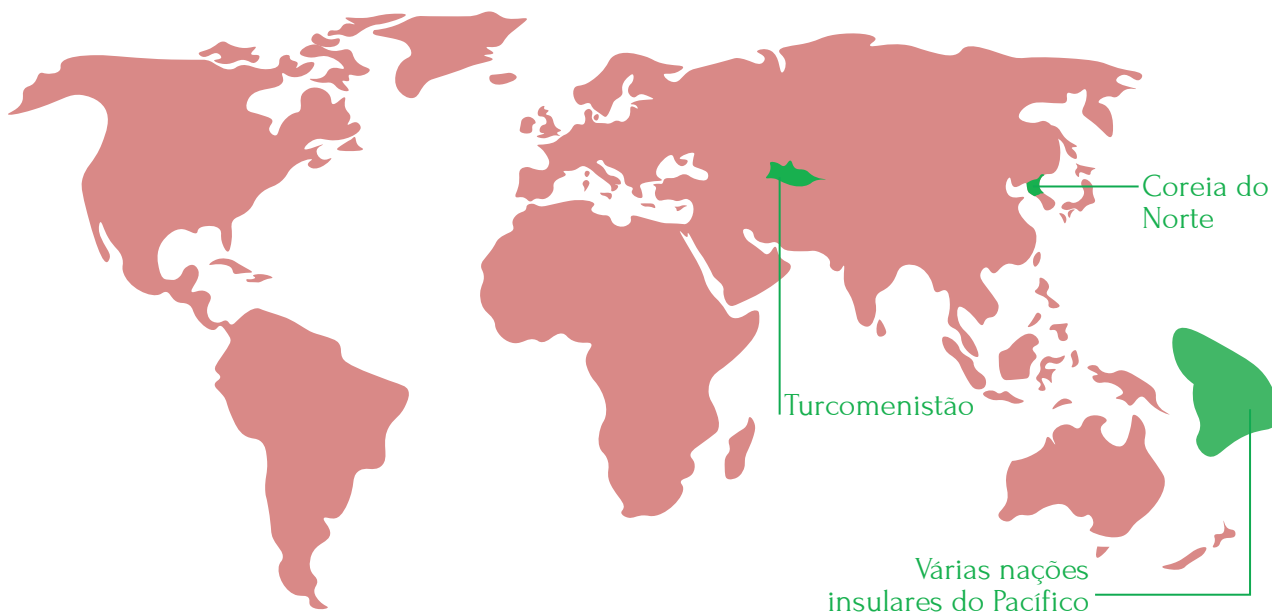
14/02

Vírus chega à África (Egito) e há a primeira morte na Europa (França)

30/02

OMS declara emergência global de saúde

O coronavírus já fez a volta ao mundo, inclusive voltando a infectar a China após o surto local ter sido controlado pelo governo de Pequim. Mas alguns países afirmam não ter havido nenhum caso da doença em seu território. Alguns desses têm governos que tendem a esconder informações do mundo. Até o fechamento desta edição, os países que não tinham confirmado casos foram:



57,5% ainda estão infectados

6,8% morreram

35,6% estão recuperados

Vários países ao redor do mundo decretaram o confinamento obrigatório (chamado “lockdown”) durante os meses de fevereiro, março e abril. Em 27 de março, a Índia decretou que seus 1,3 bilhão de habitantes deveriam ficar em casa. 3,9 bilhões de pessoas - o que equivale à metade da população do mundo - esteve em isolamento social durante o início de 2020.

As Olimpíadas de Tóquio, que ocorreriam em julho deste ano, foram adiadas para 2021. O Senado americano fechou um pacote financeiro de auxílio aos trabalhadores e ao sistema de saúde no valor histórico de US\$ 2 trilhões. E o diretor-geral da ONU, António Guterres, declarou a pandemia o “maior

desafio desde a II Guerra Mundial”. O coronavírus fez o sistema internacional se modificar completamente em um espaço curtíssimo de tempo. No final de março, os EUA se tornaram o novo epicentro da doença no mundo. Enquanto a China e alguns países da Europa voltam, aos poucos, a se abrir, o vírus continua sua viagem pelas Américas e se espalhando pela África.

11/03

OMS declara pandemia mundial. Europa vira novo epicentro da doença. E Trump suspende voos do continente para os EUA

17/03

União Europeia suspende todas as viagens não essenciais de estrangeiros ao bloco

18/03

Não há, pela primeira vez, novas contaminações locais na China

27/03

EUA se tornam novo epicentro da doença

# O coronavírus no Brasil

Em 26 de Fevereiro, o Ministério da Saúde confirmou o primeiro caso de Coronavírus em território nacional. Tratava-se de um homem de 61 anos com histórico de viagem para a região da Lombardia, na Itália. Menos de um mês depois, o país registrou a primeira morte por COVID-19, declarando logo em seguida o reconhecimento da transmissão comunitária do Coronavírus em todo o território nacional. Diante da chegada do Coronavírus ao Brasil, iniciou-se uma disputa de posicionamentos a respeito do combate ao vírus no país, a qual teve três protagonistas: o presidente da república, Jair Bolsonaro, o agora ex-ministro da saúde, Henrique Mandetta, e os governadores. O presidente Bolsonaro, desde o primeiro momento, adotou uma postura de minimização dos impactos sociais da doença, chegando a classificar o momento como uma “pequena crise”. Além disso, o presidente deu manifestações claras da falta de prioridade ocupada pela crise sanitária em sua agenda, como quando participou de uma manifestação na qual cumprimentou dezenas de pessoas, contrariando assim as recomendações dadas

pelo Ministério da Saúde para conter a propagação do vírus. O ponto alto da trajetória de minimização do problema do Coronavírus se deu com o seu pronunciamento em rede nacional em 24 de março de 2020, no qual defendeu a volta das atividades econômicas à normalidade.

## Posicionamento do Presidente

Desde o começo da epidemia no Brasil, o Presidente Jair Bolsonaro vem fazendo pronunciamentos à nação. Veja abaixo seus posicionamentos:

No primeiro pronunciamento (24/03), Bolsonaro elogiou o então Ministro Mandetta, falou que a imprensa espalhava pavor e defendeu a volta à normalidade econômica: “nossa vida tem continuar”. Chamou o vírus de “gripezinha” ao falar que não sentiria nada devido ao seu “histórico de atleta”. O tom mudou em 31 de março, quando afirmou que a pandemia era “o maior desafio da nossa geração”. Mas, as críticas ao isolamento continuaram. Bolsonaro afirmou que “o efeito colateral das medidas de combate ao coronavírus não pode ser pior do que a própria doença”. Começou a defesa à hidroxicloroquina, mesmo admitindo que não havia “remédio com eficiência cientificamente comprovada”. Em 08/04, no terceiro pronunciamento, criticou as quarentenas, governadores e voltou a defender a cloroquina.

## O que é transmissão comunitária?



A transmissão comunitária refere-se ao estágio de contágio em que não é mais possível identificar a origem e mapear a cadeia de infecção entre os indivíduos, ou seja, indica uma circulação do vírus entre indivíduos que não viajaram ou tiveram contato com quem esteve no exterior e foi infectado

26/02

Ministério da Saúde confirma primeiro caso no Brasil

15/03

Presidente Bolsonaro participa de manifestações, contrariando recomendação dada pelo então Ministro Mandetta

17/03

Primeira morte por COVID-19 no Brasil

20/03

Ministério da Saúde reconhece transmissão comunitária em todo território nacional

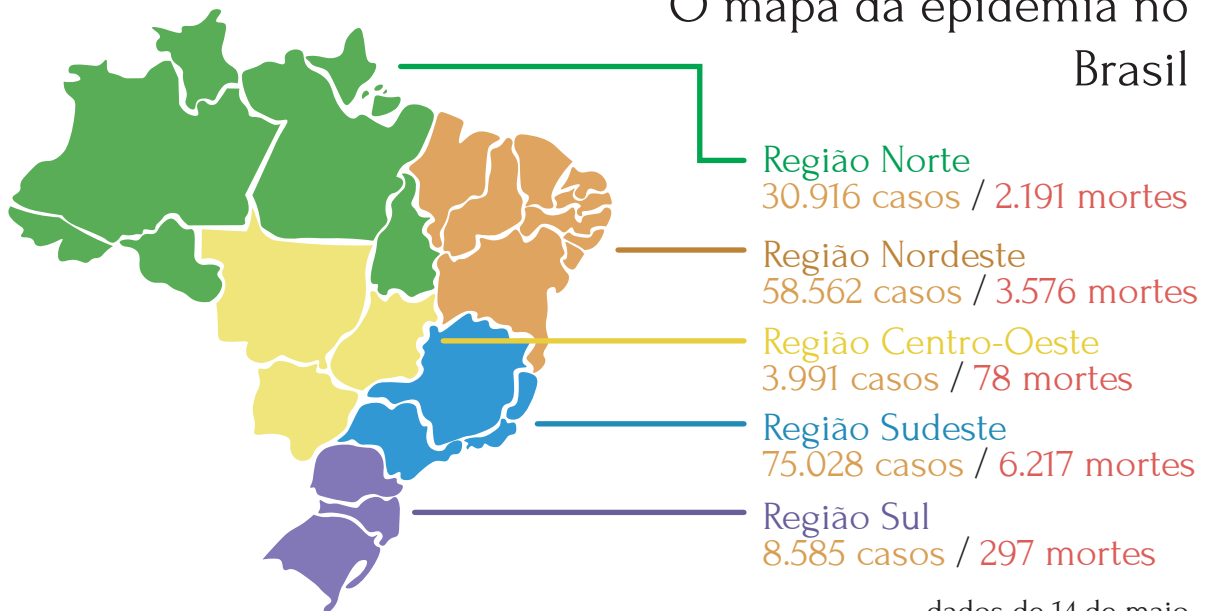
24/03

Presidente Bolsonaro faz pronunciamento em rede nacional defendendo volta à normalidade econômica

28/03

Ministro Mandetta defende isolamento amplo, afastando-se da postura do Presidente

## O mapa da epidemia no Brasil



dados de 14 de maio

Em muitos sentidos, o pronunciamento de Bolsonaro contrariou as medidas defendidas por uma parcela considerável dos governadores e pelo ministro da saúde. Os primeiros, ao serem alçados a uma posição importante durante a fase inicial do combate ao Coronavírus, foram os responsáveis pelas primeiras medidas de isolamento social adotadas no país. Mandetta, por sua vez, também foi um defensor do isolamento social entre os cidadãos como estratégia para contenção da propagação do vírus. Embora os governadores e Bolsonaro tenham travado disputas na condução política da crise, aquela que mais repercutiu nos meses iniciais do Coronavírus no Brasil foi com o seu próprio ministro da saúde. Com uma crise de saúde sem precedentes no Brasil republicano, o

ministro Mandetta projetou-se nacionalmente. Juntamente a esta projeção, vieram os conflitos com Bolsonaro quanto à condução do país em meio à pandemia, que acabariam por levar à substituição, em meados de abril, do ministro Mandetta pelo médico oncologista Nelson Teich. A substituição de Mandetta por Teich se deu após o conflito entre Bolsonaro e o ministro chegar ao ápice com a entrevista concedida por Mandetta à TV Globo. Em meio às disputas políticas internas do governo, o número de casos confirmados de COVID-19 continuaram a crescer exponencialmente, assim como os óbitos. Em 18 de Abril, já eram quase 37 mil infectados e mais de duas mil mortes confirmadas.

### diferenças ministeriais

Luiz Henrique Mandetta



Em relação às falas do Presidente, ele afirmou que: “isso leva para o brasileiro uma dubiedade: ele não sabe se escuta o ministro da Saúde, se ele escuta o presidente, quem ele escuta”

Nelson Teich



Sendo indicado à vaga de Ministro, ele afirmou que: “existe um alinhamento completo entre mim, o presidente e todo o grupo do ministério”

30/03

Entrevistas de Mandetta são dadas, agora, no Palácio do Planalto

02/04

Presidente acusa Ministro da Saúde de “falta de humildade”

04/04

Brasil atinge 10 mil casos

05/04

Presidente faz ameaça velada a Mandetta: “caneta funciona”

10/04

Brasil atinge mil mortos por COVID-19

12/04

Mandetta dá entrevista à Globo e cobra “fala única, unificada”

16-17/04

Mandetta é demitido e Brasil passa dos 30 mil casos e das 2 mil mortes

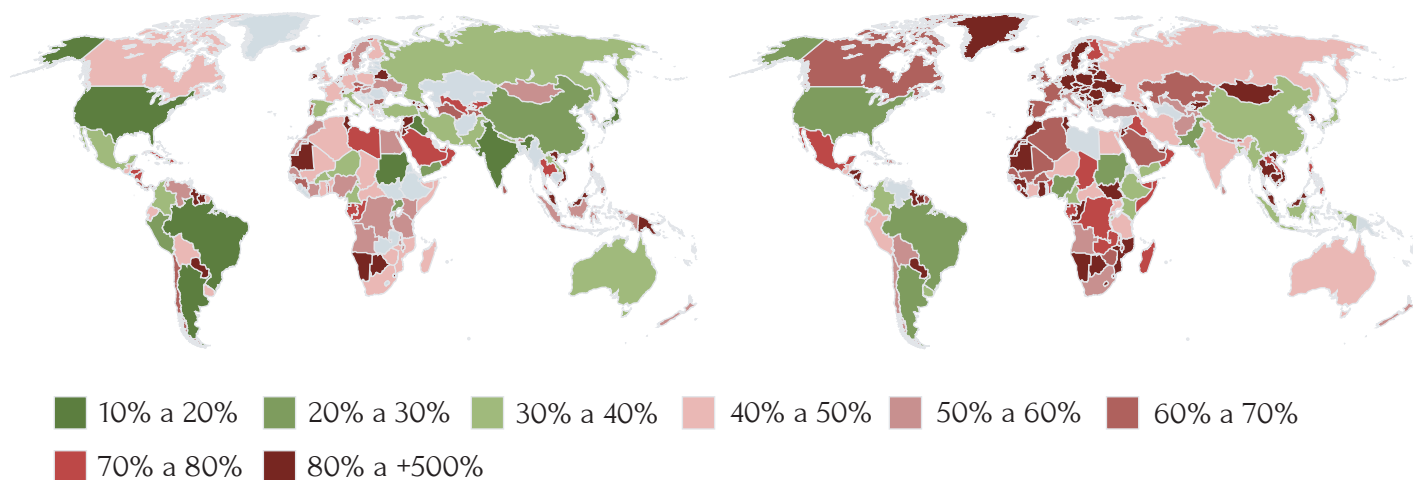
A pandemia do novo coronavírus está sendo o grande evento mundial do século XXI. Desde a virada do milênio, não só doenças já causaram mortes e medo pelo mundo (a SARS, a H1N1, o ebola), como também atentados terroristas, guerras civis, conflitos sociais e muito mais. No entanto, este é a primeira vez neste século que toda a humanidade está passando pelo mesmo problema e esta característica global e irrestrita da COVID-19 alterou o funcionamento do sistema internacional de maneira drástica.

Da noite para o dia, parece que a cooperação internacional e a globalização, assim como a economia, frearam bruscamente. Regiões com milhões de habitantes confinadas subitamente na China, fronteiras fechadas na União Europeia e na América do Sul, isolamento físico dos EUA e até mesmo “pirataria moderna” por este último também. Não somente isto, as estruturas

geradas pela globalização foram postas em xeque: o maior exportador do mundo, a China, não podia mais prover os produtos que o mundo inteiro está desesperadamente procurando. Outro problema que ainda pode estourar é o dos suprimentos médicos que vêm da Índia – o país é o maior exportador de remédios genéricos do mundo. Ficou claro que as redes de produção divididas ao redor do globo, antes visto como algo extremamente benéfico para as indústrias, mostrou-se tão frágil quanto um castelo de cartas.

Não se deve subestimar o poder que uma pandemia mundial pode causar, mas qualquer que fosse a ameaça a um desses centros exportadores, teria posto de joelhos as cadeias produtivas mundiais. Isto porque, para se produzir algum produto que tenha, digamos, cinco partes diferentes, cada uma delas será fabricada em um país que se especializou naquela

## Peso do comércio (importação e exportação) no PIB 1990 - 2017



Os dados do Banco Mundial mostra que entre 1990 e 2017 os países tornaram-se muito mais interdependentes, já que a porcentagem do comércio internacional no PIB mostra como as relações internacionais influenciam suas economias domésticas

produção e, provavelmente, montado em um sexto para só então ser enviado para um sétimo país onde o produto será comercializado. Se se admite que essas redes jamais poderão ser quebradas, este sistema é perfeito. O grande problema é que nada pode ter sua existência assegurada para sempre e em pleno 2020 isto foi descoberto da pior forma possível.

Surge o debate de se após a pandemia o mundo será diferente do que estávamos acostumados. “O mundo

que conhecíamos não existe mais”. Será? É fato que grandes eventos geram a vontade política necessária para a mudança, seja entre a população civil, seja entre a elite política dos países. É possível usar o caso da Segunda Guerra Mundial para ilustrar como o sistema internacional pode mudar totalmente para evitar que algo daquela proporção acontecesse novamente. Deve-se, porém, atentar ao fato de que o mundo não só é diferente daquele do começo da metade do século passado, como também a causa

desta possível mudança é outra. Os horrores da guerra afetam profundamente as pessoas – estejam elas no meio do conflito ou longe. As guerras eram uma regra até a metade do século passado, sendo que o continente europeu as vivenciava a cada duas décadas. O inimigo era palpável: um país, um povo, uma cultura. Uma pandemia é diferente.

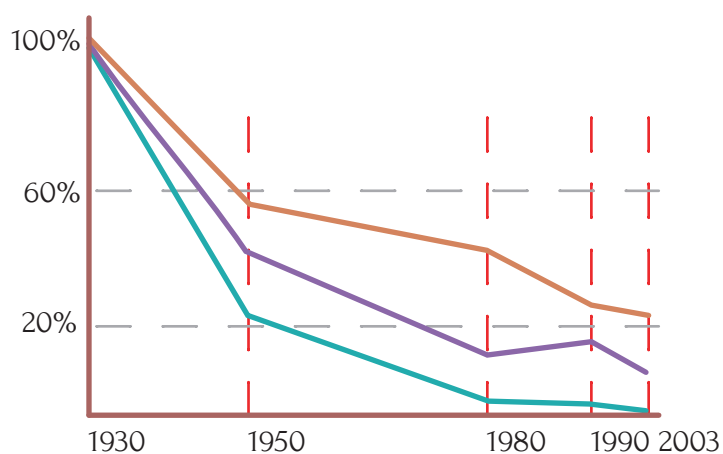
Pandemias das proporções atuais nunca constituíram regra na história. Elas ocorrem em uma média de uma a cada século e, portanto, não têm o impacto de ameaça iminente que uma guerra traz - o que diminui os estímulos a mudanças sistêmicas bruscas. Outro ponto a se adicionar é o das cadeias produtivas do mundo. Não por acaso este sistema surgiu. A especialização de produção e a queda nos custos de transporte fez com que os custos de ter várias empresas produzindo várias peças em seu próprio território fossem muito maiores que os de transportar essas mesmas peças, às vezes de melhor qualidade, do outro lado do planeta.

Este custo continua e provavelmente continuará sendo muito maior agora. Os países não construirão grandes indústrias nacionais da noite para o dia. Esse não parece ser um movimento que os países mais ricos farão (EUA e União Europeia, por exemplo), nem os países periféricos (o Brasil, por exemplo). O efeito econômico negativo após a pandemia provavelmente não durará o bastante para forçar as elites políticas a construir estruturas nacionais de produção, diminuindo a globalização. Os países ricos terão sua recuperação econômica que fará com que os atores políticos

percebam que não há necessidade de gastar o dinheiro recém adquirido em indústrias que só serão usadas em um caso muito raro de uma pandemia ou guerra mundial.

Os países periféricos, por sua vez, estarão muito preocupados tentando recuperar-se do meteoro que o vírus representou em suas economias. As recessões não permitirão pensar em desenvolver a indústria nacional porque o pensamento será em salvar os negócios e empregos que foram perdidos.

A grande mudança mundial, talvez, ocorra apenas no cotidiano da população que, provavelmente, tomará mais cuidados com sua higiene pessoal, usará mais álcool em gel quando estiver na rua e pensará em usar uma máscara ao entrar em um avião quando for fazer turismo no exterior. No mais, o planeta continuará girando a roda da economia mundial nos moldes ditados pela globalização.



## Declínio dos custos de transporte e comunicação em relação a 1930

- custo do frete marítimo
- custo do transporte aéreo de passageiros
- custo de ligações internacionais

Os dados da OCDE mostram que os custos envolvendo a conexão de pontos no mundo, seja transporte de cargas, de pessoas ou mesmo de contato telefônico, caíram tremendamente em menos de um século - o que deu fortes estímulos à globalização.

Em meio à crise do Coronavírus, eis que surge de maneira mais escancarada a pergunta: quem realmente governa o Brasil? Em 26 de março de 2020, o presidente Bolsonaro vociferou “o presidente sou eu”, o que não significa necessariamente ter a capacidade de direcionar os rumos do país. Após a disputa entre o “Presidencialismo Plebiscitário” de Bolsonaro e o “Parlamentarismo Brando” liderado por Rodrigo Maia em 2019, emergiu no cenário político, em meio à pandemia de 2020, a “República dos Governadores”.

Gramaticalmente, governar significa ter poder de mando, de direção; administrar, dirigir. No Brasil, o poder de mando e de direção do país está em disputa por três grandes forças distintas. Entender o funcionamento de cada uma delas e como elas interagem entre si é essencial para pensar sobre os desdobramentos políticos que esta disputa trará ao país.

A primeira força política é o Presidente da República, Jair Bolsonaro. Eleito em 2018 naquela que foi a corrida eleitoral mais anômala desde o fim da ditadura militar, Bolsonaro precisou de menos de um ano para mostrar qual seria a sua estratégia para pressionar os agentes políticos a aceitarem suas propostas para o país: as forças da ruas.

A esta estratégia de convocação constante do seu eleitorado pode-se dar o nome de “Presidencialismo Plebiscitário”, visto que é um movimento que visa utilizar a base eleitoral do governo para “decidir” sobre cada uma das grandes pautas em discussão no país, bem como para pressionar os agentes políticos na tomada de decisão.

Rivalizando com o presidente da República, o Congresso Brasileiro teve o seu destaque na história do ano de 2019. Já no final de maio de 2019, por exemplo, falava-se na existência de um “Parlamentarismo Informal” liderado por Rodrigo Maia, presidente da Câmara dos Deputados. O fortalecimento do congresso durante o primeiro ano de Bolsonaro se deu precisamente pela criminalização que o presidente faz da articulação política.

Se em 2020 a tônica parecia ser mais uma vez entre o “Parlamentarismo Brando” de Maia e o “Presidencialismo Plebiscitário” de Bolsonaro, a crise iniciada pelo Coronavírus trouxe à cena outros atores: os governadores. Bastou a crise epidêmica chegar ao Brasil que os governadores tomaram às rédeas na condução das medidas necessárias para conter a propagação do vírus. Em meio à inércia inicial do governo, nascia a “República dos Governadores”. Alguns grupos e personagens merecem ser nominalmente citados.

No nordeste, reduto da resistência ao bolsonarismo, os governadores aprofundaram o processo de diálogo iniciado ainda em 2019 com o Consórcio dos Governadores do Nordeste. Foi por meio do Consórcio que os governadores da região manifestaram o seu repúdio ao polêmico pronunciamento de Bolsonaro em 24 de março de 2020 no qual defendeu a volta à normalidade econômica. Em carta aberta, os governadores do nordeste afirmaram que a campanha contra a quarentena incitada por Bolsonaro é “um verdadeiro atentado à vida”.

Além dos governadores do Nordeste, outros governadores de regiões econômica e politicamente relevantes que se posicionaram contra a condução política de Bolsonaro durante a crise epidêmica foram Eduardo Leite (PSDB – RS), Wilson Witzel (PSC – RJ), João Doria (PSDB – SP) e Ronaldo Caiado (DEM – GO). Destaque para os três últimos que tiveram suas campanhas políticas associadas ao nome de Bolsonaro na última corrida eleitoral. João Doria, por exemplo, embarcou em um movimento conhecido como “BolsoDoria”, o qual buscava instigar os eleitores a votarem “casadinho” para a presidência da república e para o governo do estado de São Paulo.

Entretanto, desde que ascendeu ao cargo de governador da maior economia estadual do país, João Doria já adotara um gradual distanciamento em relação à Bolsonaro, a ponto do primeiro se projetar em 2020 muito mais como um adversário político do que um aliado de Bolsonaro. O fato da crise epidêmica no Brasil ter São Paulo como epicentro apenas precipitou o choque inevitável entre os dois políticos.

Portanto, em meio à pandemia, três forças duelam para determinar os rumos do país. Afinal, qual das três governa o Brasil? Em termos de condução de políticas públicas, visivelmente o presidente não tem governado o país em meio à crise, pois as grandes ações para conter a propagação do vírus e reduzir os impactos deste na sociedade foram tomadas exatamente pelas duas outras forças políticas que discutimos aqui.

De um lado, o “Parlamentarismo Brando” de Maia aprovou na Câmara dos Deputados uma renda básica emergencial para autônomos, microempreendedores individuais e desempregados, a qual foi aprovada pelo Senado e, posteriormente, ratificada pelo presidente. Por outro lado, os governadores foram os responsáveis por tomar as medidas de isolamento social. O resultado mais imediato das medidas tomadas pelos governadores é uma maior aprovação de suas respectivas atuações na crise do Coronavírus quando comparadas àquela do presidente. Em pesquisa Datafolha divulgada em 23 de março, 54% dos entrevistados aprovavam a forma como os governadores estavam lidando com a epidemia, enquanto o percentual de aprovação de Bolsonaro era de 35%.

Ao presidente, coube bravejar “o presidente sou eu” após a defesa do isolamento social feita por seu vice-presidente, Hamilton Mourão. Cada vez mais isolado, a fala de Bolsonaro inevitavelmente lembra a célebre frase do monarca absolutista francês Luís XIV:

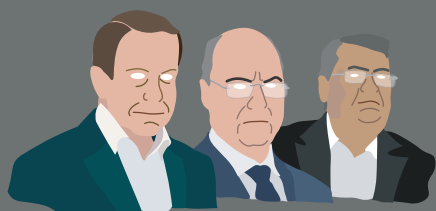
“O Estado sou eu”. Longe de ter a concentração de poder que Luís XIV possuía, o presidente demora a entender o que já lhe foi dito pessoalmente: “Bolsonaro acabou. [...] Você não é presidente mais”.

preocupados tentando recuperar-se do meteoro que o vírus representou em suas economias. As recessões não permitirão pensar em desenvolver a indústria nacional porque o pensamento será em salvar os negócios e empregos que foram perdidos.

A grande mudança mundial, talvez, ocorra apenas no cotidiano da população que, provavelmente, tomará mais cuidados com sua higiene pessoal, usará mais álcool em gel quando estiver na rua e pensará em usar uma máscara ao entrar em um avião quando for fazer turismo no exterior. No mais, o planeta continuará girando a roda da economia mundial nos moldes ditados pela globalização.

### choques brasileiros

a pandemia do novo coronavírus no Brasil dividiu a atuação política no país, de maneira quase antagônica, entre



governadores

X



Congresso

X



presidente

Nesta seção, alguns artigos de internacionalistas que publicaram recentemente. Veja os artigos, seus autores e um pouco mais sobre a pesquisa realizada. Quer dar você também visibilidade a seu artigo? Mande-nos as informações pelo email: contato@dpolitik.com.br !

## Análise dos Acordos Assinados pelo Brasil e pela Argentina na Área de Energia entre 1995 e 2010



Autor: Lucas Marques Feitosa

Publicação: 2019 - Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais

Após os problemas energéticos enfrentados nas décadas de 70 e 80, as discussões sobre a segurança energética adentraram nas políticas dos países ao redor do mundo. Isso não foi diferente no Brasil, já que este era um país que era dependente do petróleo que vinha do exterior. Portanto, ao chegarem ao poder, tanto FHC quanto Lula desenvolveram políticas que permitissem o abastecimento dos recursos energéticos necessários pelo Brasil. Dentro desse quadro a Argentina aparece como o país que mais estabeleceu acordos na área de energia com o Brasil dentro da América do Sul. Contudo, ao longo do estudo, notou-se que houveram algumas alternâncias na forma como as políticas energéticas de cada período foram conduzidas. Pode-se apontar, por exemplo, que durante o governo FHC os combustíveis fósseis foram os recursos mais privilegiados, enquanto nos mandatos de Lula os biocombustíveis passam a receber uma maior atenção. Portanto, a partir dessas considerações, o presente trabalho busca realizar uma discussão de forma exploratória e descritiva sobre o atual debate sobre segurança energética, observar quais foram as continuidades e as discontinuidades da PEB de cada um desses ex-presidentes e promover uma análise sobre os acordos energéticos firmados com a Argentina nesse período.

DOI: 10.22478/ufpb.2525-5584.2019v4n1.46336



## O lugar das fontes renováveis no relacionamento do Brasil com os "RICS" na área de energia: uma análise da agenda bilateral e das declarações de cúpula (1990-2018)

Autor: Renan Holanda Montenegro, Iure Paiva, Lucas Marques Feitosa

Publicação: 2020 - Conjuntura Austral

Este artigo discute a realidade energética no âmbito dos BRICS, com especial atenção às energias renováveis. Sob tal perspectiva, o Brasil emerge com papel destacado na coalizão, sendo considerado um dos países mais descarbonizados do mundo, pioneiro em bioenergia e um dos líderes globais em geração eólica e hidrelétrica. Por outro lado, o carvão ocupa um espaço considerável na matriz energética da África do Sul, China e Índia. Ademais, o bloco ainda conta com o maior produtor de petróleo cru do mundo: a Rússia. Levando em consideração as potencialidades e os desafios de cada país no tocante ao assunto, esta pesquisa se estrutura em torno de dois eixos principais: avaliar como as fontes renováveis permeiam os acordos bilaterais firmados pelo Brasil na área de energia com os "RICS"; e entender como o debate está caracterizado nas declarações conjuntas das cúpulas do bloco. A metodologia utilizada envolveu a construção de um banco de dados original, bem como a aplicação de técnicas de estatística descritiva e análise de conteúdo. Os resultados apontam que China e Rússia dominam, de longe, a pauta energética bilateral do Brasil com os RICS e que o governo Lula foi, desde a redemocratização, o mais ativo em termos de quantidades de atos internacionais referentes à energia firmados com esses parceiros. Os achados também indicam alguns pontos de intersecção entre as pautas bilaterais e as posições conjuntas adotadas nas declarações de cúpula, a despeito de não ter havido um aumento dos acordos sobre energia após o estabelecimento dos BRICS.

DOI: 10.22456/2178-8839.97553



## Coronavírus? O que é isso?

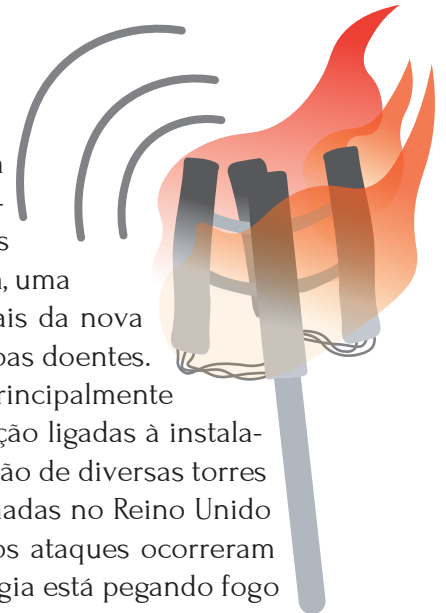
Onde: Turcomenistão

Está dando uma voltinha por Asgabate, capital do Turcomenistão? Então você provavelmente não terá nenhuma noção da quarentena, pandemia ou mesmo do vírus! Isso foi o que, desde 31 de março, vem sendo dito por causa de uma reportagem feita pelo Repórteres Sem Fronteiras em que se anunciava que o país havia banido a palavra “coronavírus”. O que rodou a internet como sendo a proibição da palavra, na verdade, não foi bem assim. O fato é que o governo do país realmente retirou referências específicas ao novo coronavírus das brochuras de saúde pública disponibilizadas. Os relatos de que a mídia controlada pelo Estado não publicavam mais nada sobre a pandemia porque havia sido proibido não é totalmente falso. Na verdade, o governo autoritário do país tem tratado o tema como um problema “externo” - tanto que, oficialmente, o Turcomenistão não conta com nenhum caso de coronavírus. Há mesmo relatos de que pessoas falando sobre a pandemia na rua teriam até sido presas por isso. “O que os olhos não veem, o coração não sente” adotado como política de Estado!

## Fogo na net!

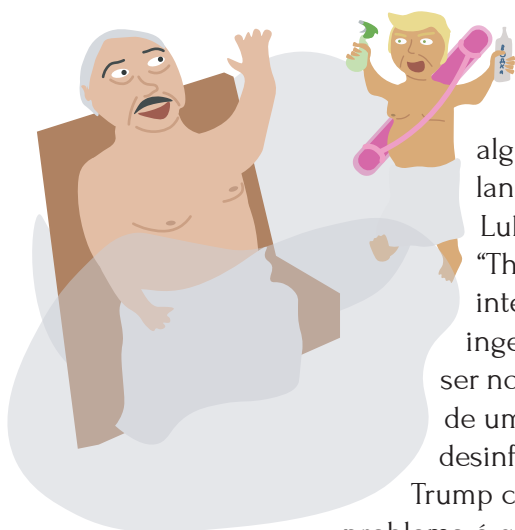
Onde: Europa

Na Europa, há séculos atear fogo a coisas públicas tem sido uma forma de protesto ou de demonstração de ódio de alguma forma. Os franceses mesmos têm uma forte tendência a queimar carros em protestos que ocorrem no país. Durante a pandemia do novo coronavírus, porém, uma nova moda se iniciou: a de destruir torres de 5G. E por quê? Os sinais da nova rede de internet móvel estaria propagando o vírus e deixando as pessoas doentes. O 5G tem sido motivo de discórdia entre países há algum tempo - principalmente entre o governo de Washington e Pequim. Mas as teorias de conspiração ligadas à instalação da nova rede móvel tomaram um novo nível e causaram a destruição de diversas torres em todo o continente. Até abril, cerca de 50 torres haviam sido queimadas no Reino Unido - o epicentro dos ataques - e no mínimo 16 nos Países Baixos. Outros ataques ocorreram também na Irlanda, Chipre e Bélgica. O debate acerca da nova tecnologia está pegando fogo - literalmente!



## Tratamentos não-ortodoxos

Onde: Belarus e EUA



Enquanto os cientistas de todo o mundo correm atrás de uma vacina, remédio, tratamento para curar ou minimizar os efeitos da COVID-19, alguns líderes mundiais deram o que falar passando à frente dos cientistas e lançando tratamentos não tão científicos. No fim de março, Alexander Lukashenko, ditador de Belarus, prescreveu em entrevista ao jornal inglês “The Times” seu tratamento contra a doença: beber vodca, trabalhar muito no interior e visitar frequentemente a sauna! O trabalhador, porém, não deve ingerir a bebida caso esteja de trabalho e sua visita ao quarto vaporoso deve ser no mínimo duas vezes por semana. Um mês depois, um novo tratamento veio de uma conferência dada pelo presidente americano Donald Trump: ingestão de desinfetante e bombardeio de raios UV no corpo dos infectados. A receita de Trump certamente mataria o vírus com mais eficiência que a do líder bielorusso, o problema é que ele mataria o paciente junto.

Uma coisa que internacionalistas fazem é ler! Mas, nesta seção, damos algumas dicas de outras coisas que você pode fazer para se divertir enquanto aplica alguns de seus conhecimentos de internacionalista! Dê uma olhada abaixo! Tem também uma sugestão? Envie-nos pelo email: [contato@dpolitik.com.br](mailto:contato@dpolitik.com.br) !



## WAR online

o que: jogo

valor: freemium (grátis e pago)

onde: online ([bit.ly/WarOnlineDpolitik](http://bit.ly/WarOnlineDpolitik))

Este é um jogo clássico, que está dentro de uma das temáticas mais estudadas - se não a mais estudada - em Relações Internacionais: a guerra (como o próprio nome já diz). Cada ator possui um objetivo, que se enquadra em uma das três categorias

de objetivos: conquista de continentes específicos, conquista de um número específico de territórios, destruição de exércitos de uma cor específica. Para alcançar seu objetivo, os jogadores deverão fortalecer seus exércitos e travar batalhas, em um cenário em que todos são seus inimigos e você não tem motivo para confiar e cooperar com ninguém (similar a como o realismo enxerga os Estados no Sistema Internacional, não é?). Mas aí vem o Dpolitik: e se no jogo você pudesse fazer negociações, acordos internacionais, tratados de não agressão, será que você se comportaria da mesma forma que a teoria realista descreve um ator internacional? No site da Grow o jogo está disponível em dois modos, o local e o online. Criando sua conta, vá para o modo online, seguindo para a opção “jogar com os amigos” (que também precisam ter uma conta) e crie uma sala para que todos joguem. Nossa dica é: criem uma chamada de vídeo para que possam conversar enquanto jogam e dessa forma irem fazendo acordos e alianças, em um estilo mais \*internacionalista\* de se jogar. O jogo está disponível do link acima e é considerado “freemium”, ou seja, você pode jogar gratuitamente, mas também há opções pagas. Você receberá energias para jogar e, sempre que jogar em uma partida, elas serão diminuídas. A cada 24h, ao acessar o sistema, você ganha mais ou pode pagar para ter energias infinitas. Em tempos de pandemia, é uma ótima opção para se divertir com os amigos e não sair de casa!

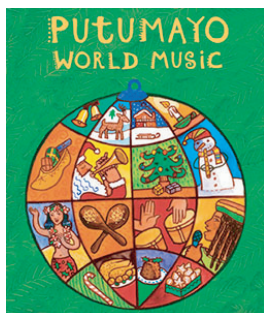
## A Informante (the whistleblower)

o que: filme

duração: 111 min

onde: YouTube ([bit.ly/AInformanteDpolitik](http://bit.ly/AInformanteDpolitik)) ano: 2010

O filme dramatiza o caso real da policial Kathryn Bolkovac, que viaja para a Bósnia para representar os EUA na operação de paz da ONU no país e se depara com um esquema de corrupção, tráfico e prostituição de jovens sérvias escravizadas e abusadas sexualmente ao chegarem na Bósnia, que conta com o envolvimento de funcionários da ONU, diplomatas, da polícia local e da Força-Tarefa Internacional de Polícia (International Police Task Force – IPTF). O filme, ao retratar a atuação de uma mulher numa operação de paz da ONU, nos mostra um pouco das problemáticas de gênero presentes em um ambiente que é considerado pertencente a esfera do gênero masculino, no qual o gênero feminino se encontra em uma posição abaixo, rendendo uma boa reflexão sobre como as dinâmicas de gênero se fazem presentes nas Relações Internacionais e configuram relações de poder, que muitas vezes não são percebidas em decorrência da falta de um olhar crítico feminista e de gênero. Você pode assistir ao filme legendado em português no YouTube pelo link disponibilizado acima!



## Putumayo Presents

o que: músicas

onde: YouTube ([bit.ly/PutumayoDpolitik](http://bit.ly/PutumayoDpolitik))

produzido pela gravadora Putumayo World Music, é uma compilação de músicas internacionais. As músicas são agrupadas por temas, podendo ser regionais (música caribenha, turca, indiana, sul africana, árabe, brasileira, etc), tipos de música (folk, reggae, latina, jazz, blues, rumba, etc.) ou outras temáticas (louge, groove, músicas de terras produtoras de chocolates, mulheres ao redor do mundo, odisséia judia, café céltico, etc). É uma oportunidade

para entrar em contato com músicas feitas ao redor do mundo, ainda mais para quem está cansado de ouvir as músicas pop mainstream e quer dar uma variada com algo novo. Para ouvir algumas compilações, acesse o link acima!



